

INTRODUÇÃO GERAL

A Igreja Católica possui um patrimônio litúrgico riquíssimo que compreende as duas tradições: oriental e ocidental. A nossa aproximação com a tradição litúrgica oriental, a partir do diário da peregrina Egéria, despertou-nos a curiosidade para investigar a fundo a relação entre ambas. Por isso nos propomos como desafio pesquisar a liturgia dos santuários, estabelecendo uma ponte entre Oriente e Ocidente para colhermos o que de melhor essas diversas tradições apresentam, a fim de respirar plenamente com os dois pulmões¹.

Inicialmente nos questionamos sobre o que tem a ver a tradição litúrgica ocidental com a oriental. Nossa pesquisa procura demonstrar as influências ou influxos do Oriente² sobre o Ocidente. Acrescentamos a isto a seguinte questão: o Ocidente pode contribuir também com o Oriente?

O *Concílio Ecumênico do Vaticano II*³ aproximou as duas tradições litúrgicas, oriental e ocidental, numa perspectiva ecumênica com as Igrejas cristãs separadas. Constatamos que os santuários são lugares privilegiados por Deus para o ecumenismo e diálogo inter-religioso.

¹ “Tamanha riqueza de louvores, acumulada pelas diversas formas da grande tradição da Igreja, poderia ajudar-nos a fazer com que a Igreja torne a respirar plenamente ‘com seus dois pulmões’: o Oriente e o Ocidente [...]; isso é necessário mais do que nunca, nos dias de hoje. Seria um valioso auxílio para fazer progredir o diálogo em vias de atuação entre a Igreja Católica e as Igrejas e as comunidades eclesiais do Ocidente. E seria também a via para a Igreja que está a caminho poder cantar e viver de modo mais perfeito o seu magnificat” (JOÃO PAULO II, *Carta encíclica Redemptoris Mater: sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho*, 34, São Paulo: Loyola 1987, 44).

² “A expressão Oriente cristão designa aqui a igrejas da parte oriental do império romano as comunidades que surgiram em dependência delas, tanto ortodoxas quanto unidas a Roma. O que atualmente causa maior admiração na situação do Oriente cristão é a variedade e diversidade de ritos, de jurisdições e muitas vezes também de dogmas. Em contrapartida, a doutrina espiritual manifesta surpreendente unidade, apesar de não poder ser encerrada em fórmulas rígidas” (SPIDLÍK Tomas, “Oriente Cristão”, in FIORES Stefano de–MEO Salvatore (edd.), *Dicionário de Mariologia*, São Paulo: Paulus, 1995, 849).

³ Ao decorrer da tese, usaremos o termo *Vaticano II* para designar o *Concílio Ecumênico do Vaticano II*.

A América Latina recebeu primeiramente a evangelização proveniente da Europa Ocidental, e só recentemente, a partir do século XIX, através dos imigrantes orientais, acolhemos a tradição litúrgica oriental.

O desconhecimento nos motiva a buscar o novo que é antigo. O *Vaticano II* nos convida a buscar as fontes, e estas se encontram, sobretudo, na origem do próprio cristianismo como religião oriental de tradição semita, que juntamente com o judaísmo e o islamismo formam as grandes tradições monoteístas⁴.

Metodologia

A metodologia de nossa investigação baseia-se, principalmente, na pesquisa bibliográfica. Os autores selecionados são especialistas nos temas relativos aos capítulos que desenvolveremos. Assim, a cada capítulo teremos um ou mais autores com o qual dialogaremos. Para o desenvolvimento da dissertação utilizaremos algumas fontes patrísticas, a Sagrada Escritura e o Magistério. Também nos serviremos de obras de autores renomados, artigos de revistas, jornais etc.

Somando a esta primeira e fundamental metodologia, no capítulo quarto foi utilizado o método da observação participante, que nos possibilitou constatar que possuímos uma herança dos arquétipos do homo religiosus.

Para desenvolver a dissertação, dividimo-la em cinco capítulos, sendo que cada um possui um objetivo geral e outros específicos.

No primeiro capítulo tratamos da fundamentação antropológica das peregrinações e procissões. Para fazer ciência litúrgica hoje é necessária uma boa base antropológica. Neste capítulo dialogaremos com os seguintes autores: Mircea ELIADE e Julien RIES. Ambos serão citados diversas vezes ao longo de todo o capítulo. As obras de ELIADE são relidas por RIES, que dá a elas sua contribuição a partir das novas pesquisas, sobretudo da arqueologia e antropologia. Este capítulo tem como objetivo demonstrar a natureza ritual celebrativa do homem e seu caráter de homo peregrinus. Constataremos os arquétipos presentes no homem desde os períodos mais remotos, quando ele toma consciência de sua relação com o transcendente.

⁴ “O Concílio Vaticano II repetidamente chamou a atenção da Igreja para a importância singular das Liturgias orientais, em si mesmas ou pela função vital que sempre tiveram nas Igrejas onde se celebram; ou para um confronto com o Ocidente que dê lugar a uma recuperação mais nítida tanto para o ecumenismo como para a espiritualidade [...]. Desde a segunda metade do séc. XIX, com a acelerada busca e publicação crítica dos textos orientais, portanto também os litúrgicos, o Ocidente deu início a mais largo redescobrimto do Oriente cristão, que está longe de ser completo” (FEDERICI Tommaso “As liturgias da parte Oriental”, in MARSILI Salvatore *et al.*, *Panorama histórico geral da liturgia*, São Paulo: Paulinas 1987, 121[Anámnese 2]).

Em um segundo capítulo, discorreremos sobre a história da salvação narrada na Sagrada Escritura. Evidenciaremos que esta é uma história de peregrinos. Começando por Abraão, percorreremos as grandes etapas ou estações desta história dos peregrinos semitas até o seu ponto culminante, com o peregrino por excelência, Jesus Cristo. Constataremos que o NT está latente no AT, e vice-versa. O objetivo deste capítulo é evidenciar a essência peregrina do cristianismo, que possui raízes semitas, a quem, por sua vez, a peregrinação era parte fundamental para sustento do culto. Evidenciaremos também os mais importantes santuários do povo de Deus, até chegarmos ao santuário por excelência habitado por Deus, o Corpo de Cristo. Verificaremos ainda como a Igreja primitiva, testemunha da ressurreição, passou a venerar o local da morte e sepultura de Jesus, e como esta Igreja nascente tomou consciência de que é necessária uma peregrinação contínua até a Jerusalém celeste.

No terceiro capítulo faremos uma inserção na história da Igreja nos séculos IV e V. Com a fonte Egéria, demonstraremos a liturgia estacional de Jerusalém no século IV. Veremos como a Igreja inculturou a fé em Jesus Cristo a partir das celebrações, ritos e procissões na Cidade Santa, bem como das contribuições do judaísmo somadas às contribuições de outros povos que foram evangelizados. Daremos um destaque particular ao seu caráter estacional e único de celebrar o mistério de Cristo no tempo e lugar. Trataremos da liturgia estacional da Igreja de Roma. Destacaremos os santuários dos apóstolos Pedro e Paulo. Também discorreremos sobre o santuário coletivo dos mártires romanos: as catacumbas. Evidenciaremos, por fim, as particularidades da Igreja de Roma e as influências que ela recebeu de Jerusalém, tendo como interlocutores Pierre MARAVAL, John BALDOVIN e Burkhard NEUNHEUSER. Os limites deste capítulo serão o final do século IV, para a história da liturgia em Jerusalém, até o século V, para a história da liturgia estacional da Igreja de Roma.

No quarto capítulo faremos uma contextualização de três santuários brasileiros, procurando abranger três regiões distintas do país. Para a região mais populosa, o Sudeste, escolhemos o Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. O Santuário do Divino Pai Eterno, em Goiás, concentra a região Centro-Oeste, e o Santuário do Bom Jesus da Lapa, a região Nordeste. São três santuários de destaque no contexto nacional. Num primeiro momento trataremos de suas origens históricas, descreveremos em breves linhas a sua topografia e estrutura física. Posteriormente, iremos identificar quem são os peregrinos que frequentam esses santuários e a relação destes com o patrono (a) do local (da igreja). Será dado um enfoque especial para a parte litúrgica dos referidos santuários,

revelando dados estatísticos e a contribuição particular de cada região com as devoções populares.

Um quinto capítulo conclusivo nos faz discorrer sobre o tema central da tese, qual seja, as peregrinações e estações aos santuários brasileiros e a influência oriental recebida pela tradição. Seguindo o exemplo e método da Igreja-mãe de Jerusalém, trataremos da inculturação litúrgica nos santuários brasileiros a partir do diálogo entre as formas da liturgia oficial e as devoções populares. Para isso procuraremos resgatar as raízes antropológicas do homem latino-americano. Buscaremos igualmente as raízes bíblicas do processo de sustentação do culto cristão. Verificaremos ainda como os santuários podem ser lugar de evangelização, acolhida, proclamação da fé e cura. Finalmente, apresentaremos os novos desafios da devoção e da liturgia nos santuários a partir da pós-modernidade, além de sugestões para uma pastoral de conjunto e organização dos santuários nacionais.

No sexto e último capítulo discorreremos sobre a liturgia que se desenvolve nos santuários do Brasil: Aparecida, Bom Jesus da Lapa e Divino Pai Eterno. Como ela se formou a partir do culto do padroeiro, os sacramentos como são celebrados e como se apresentam em processo de inculturação. Apresentaremos também os sacramentais e as devoções populares mais frequentes em nossos santuários, como são celebradas e inculturadas na realidade de nosso país. E por fim procuraremos demonstrar a correspondência da liturgia dos santuários brasileiros com o Oriente cristão⁵.

Esperamos, modestamente, oferecer uma séria contribuição à ciência litúrgica em seu aspecto histórico, teológico e pastoral, como também a toda a Igreja do Brasil.

Será esta a novidade e originalidade de nossa tese, pois, passados quinhentos anos da nossa existência enquanto nação, ainda não havia sido feita nenhuma reflexão neste sentido.

XX

⁵ “A complexidade dos estudos sobre o Oriente cristão é devida a múltiplos fatores: é preciso conhecer ao mesmo tempo numerosas línguas, a história, a geografia, algumas ciências auxiliares, a história das doutrinas, a espiritualidade e a teologia, e, não por último, também a «teologia litúrgica», ciência, pode-se dizer, ainda no berço. Por isso, o número de liturgistas orientalistas no mundo é ainda muito pequeno, raros os grandes especialistas. Compreende-se assim a oportuna advertência do Concílio Vaticano II” (FEDERICI Tommaso “As liturgias da parte Oriental”, in MARSILI Salvatore *et al.*, *Panorama histórico geral da liturgia*, São Paulo: Paulinas 1987, 121-122 [Anámnese 2]).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa tese sobre a liturgia de Jerusalém e Roma, e sua correspondência com a liturgia dos santuários do Brasil, Aparecida, Bom Jesus da Lapa e Divino Pai Eterno, na perspectiva da inculturação, nasceu de uma inquietação minha ao frequentar os cursos do Pontifício Instituto Oriental, nos quais, de modo privilegiado, pude me confrontar com uma Igreja Una composta de dois pulmões, o oriental e o ocidental. Estudando o documento *Itinerarium Egeriae*, o qual descreve a liturgia da Cidade Santa de Jerusalém no IV século, podemos afirmar que essa liturgia estacional vivida de modo simples e intenso, entre os peregrinos, guarda significativas correlações com a liturgia que atualmente acontece nesses três santuários brasileiros.

Por certo, a relevância do tema de nossa tese para a Faculdade de Ciências Eclesiais Orientais está na aproximação das duas grandes tradições, Oriente e Ocidente. Assim sendo, o intuito deste estudo é comprovar as influências orientais na liturgia dos santuários do Brasil, e o processo de inculturação como princípio imperativo da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, e sua atualidade para a Igreja universal. Por conseguinte, pretende-se aqui corroborar o diálogo da liturgia com a piedade popular, a partir da tradição litúrgica oriental, em vista de uma profícua fecundação.

Vale salientar que muitos católicos, de rito latino, desconhecem a tradição oriental da Igreja. Contudo, a Igreja Católica vem estimulando o conhecimento e a valorização da tradição oriental, mostrando que o Corpo de Cristo, na realidade, possui dois pulmões, como afirmava o PAPA JOÃO PAULO II.

A pesquisa partiu de uma fundamentação antropológica, perpassou a fundamentação bíblica, mergulhou na análise histórica da liturgia de Jerusalém e Roma, desembocou na liturgia dos santuários do Brasil, verificando como esta realiza o processo de inculturação e quais influências recebeu do Oriente.

Diferentemente de John BALDOVIN, que analisou e estudou a correspondência das liturgias estacionais de Jerusalém, Constantinopla e Roma com o mundo urbano, esta tese buscou uma compreensão profunda da vida litúrgica dos três santuários do Brasil, a partir do processo análogo de inculturação, considerando a diversidade do contexto multicultural brasileiro. Visto que o mistério é sempre o mesmo, a estrutura litúrgica é que adquire novas formas culturais.

Por conseguinte, as peregrinações e procissões, elementos indissociáveis da liturgia estacional de Jerusalém e de Roma, equipara-se ao Brasil na mobilidade, e difere-

-se na topografia e contexto histórico. Logo, pela diversidade de nosso país, não podemos generalizar ou absolutizar os conceitos, porém afirmamos que a liturgia estacional de nossos santuários se manifesta de modo peculiar, heterogêneo e dinâmico. E é enriquecida pela cultura e geografia locais.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica em fontes históricas, considerando os referenciais teóricos pertinentes, somando-se ao método da observação participante junto aos santuários de Aparecida, Bom Jesus da Lapa e Divino Pai Eterno. Portanto, com tal pesquisa acredito oferecer uma séria contribuição à ciência litúrgica no aspecto teológico e pastoral, bem como para a Igreja do Brasil. Ao longo da pesquisa nos deparamos com a ausência de fontes no que se refere à liturgia dos santuários; por isso, agregamos à sistematização dos dados coletados nossa formação litúrgica, nossa intuição e sensibilidade pastoral.

Coube-nos observar as manifestações de fé, o desenvolver dos ritos, a expressão do conteúdo teológico, ritual, estético e cultural. Para tal foi necessário registrar e anotar tudo, para depois elaborar uma análise científica sobre o material coletado. Isso exige uma postura criteriosa do liturgista, em vista de sistematizar um estudo que, verdadeiramente, contribua para o progresso da ciência litúrgica.

Sem dúvida, a premissa antropológica cultural é fundamental para a compreensão da liturgia, por isso serviu de substrato para todo o conjunto de nossa pesquisa no que se refere à liturgia dos santuários. Assim sendo, o *homo religiosus* é o sujeito da ação litúrgica por excelência; logo, para haver uma boa liturgia se faz necessário um embasamento antropológico. Em consequência, reitero que o alicerce de toda celebração é a sua raiz cultural, componente principal pelo qual o Mistério se expressa.

Nesta pesquisa optamos pela antropologia religiosa que aborda a questão das peregrinações de modo holístico, ou seja, o homem é visto como um todo, e não de forma fragmentada. Desse modo, nossa concepção de liturgia se fundamenta na perspectiva antropológico-religioso para nos apoiarmos na fé no Deus único que se revela através da história. Portanto, a partir do pressuposto da revelação, somado ao princípio da encarnação, podemos elaborar um discurso e, conseqüentemente, determinar a prática, em vista de se chegar a uma liturgia inculturada no Brasil.

Além disso, há uma semelhança que aproxima a tradição semítica dos povos orientais com a cultura do povo brasileiro, cuja espiritualidade é determinada pela presença constante de Deus dentro de seu imaginário cotidiano. Ademais, para essas culturas, não é possível a existência de um mundo sem Deus. Como resultado, a

cosmogonia brasileira é fundamentalmente religiosa, sendo a religião parte integrante da vida do nosso povo. Nesse universo, do nascer ao morrer, a existência humana está permeada de ritos, que acompanham a ousada peregrinação do ser humano pelo mundo, na busca da “Terra sem Males”. Por isso, nossa cotidianidade é marcada por expressões de fé, numa oração de ação de graças ininterrupta.

Inquestionavelmente, o Brasil manifesta uma liturgia de coração, holística, e em diversos aspectos muito semelhante àquela vivida pelos irmãos do Oriente cristão. Celebrar com o coração significa que a liturgia não é apenas um conceito racional, mas ela adquire seu efeito de participação plena no Mistério Pascal de Cristo, quando atinge a fonte de nossos sentimentos.

Embora a Igreja do Brasil seja muito jovem, com apenas 500 anos de existência, neste período pós-conciliar vem dando passos significativos na implementação da reforma litúrgica, colocando em prática o processo contínuo da inculturação (SC 37-40) e estabelecendo uma liturgia que corresponda, cada vez mais, à índole do povo brasileiro.

Somos um país miscigenado, composto de diversas etnias. Outrossim, a contribuição das diferenças é que torna esta nação única no mundo. E tal originalidade tem como fruto uma habilidade criativa extraordinária que se reinventa a todo momento. É uma cultura que tende a se abrir para o novo e que pode ser comparada a um mosaico, no qual o colorido de cada peça é destacado pela sua beleza, e no seu conjunto forma uma verdadeira obra de arte.

Haja vista, na trajetória desta pesquisa, resgatamos a prática das peregrinações no contexto da história da salvação. E verificamos como se deu a formação dos principais santuários de Israel, suas práticas celebrativas, com ênfase nas três grandes peregrinações obrigatórias. Conclui-se que a plenitude da revelação acontece com o mistério da encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, evento fundador do cristianismo. Portanto, a fundamentação bíblico-teológica foi indispensável para a análise dos santuários do Brasil, enquanto continuidade e realização dos desígnios de Deus. Por conseguinte, reiteramos que a fé cristã possui uma dimensão escatológica latente, evidenciada, de modo concreto, na liturgia dos santuários.

A pertinência desta pesquisa esteve voltada aos peregrinos dos santuários do Brasil, visto que as peregrinações ou romarias, como são mais conhecidas por nós, fazem parte da piedade popular do brasileiro. Por certo, a transmissão da fé cristã, com suas práticas litúrgicas e devocionais, é a maior herança religiosa e cultural, motivo de orgulho para nosso povo.

As peregrinações, em todos os tempos, constituíram fator decisivo para a propagação do culto aos santos. O Brasil, também, herdou esse culto aos mártires e aos santos, que por todo o país se propagou em grande escala. Exemplo disso é a famosa “Romaria dos Mártires da Caminhada”, que se realiza na prelazia de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso. Dessa forma, o culto aos Mártires, à Virgem Maria e aos Santos corrobora o caráter popular da liturgia dos santuários, alimenta as devoções e sustenta a fé na comunhão dos santos. Essa e outras inúmeras expressões de fé e devoção aos santos fazem parte do cotidiano da vida litúrgica dos nossos santuários.

As liturgias dos santuários do Brasil são caracterizadas pela centralidade com que evocam o mistério pascal, o memorial de Cristo, pela diversidade de peregrinações e procissões, pela beleza cultural e, além disso, pelo caráter popular com que desenvolvem o seu culto.

Na origem dos três santuários brasileiros, Aparecida, Bom Jesus da Lapa e Divino Pai Eterno, averiguamos alguns aspectos peculiares da ação evangelizadora, entre os quais a dimensão social-caritativa para com os pobres. Essa prática nos inspirou a resgatar a dimensão bíblica e ética dos santuários como lugar de acolhida para os milhares de imigrantes e refugiados de nossos tempos. Desse modo, os nossos santuários se tornariam uma imagem real da Jerusalém celeste, que, como mãe, acolhe todos os seus filhos.

Partimos do pressuposto de que a prática da inculturação é tão antiga quanto a Igreja, que ao longo dos séculos teve seus pontos altos e baixos. Todavia, o momento histórico hodierno é favorável para a inculturação da liturgia, a começar pelos sacramentais e, posteriormente, pelos sacramentos, respeitando com prudência o método a ser observado em comunhão com a Igreja. Leve-se em conta que a fundamentação teológica e litúrgica do princípio constitucional da inculturação foi imprescindível para o desenvolvimento desta tese. De modo que só há participação plena e consciente na liturgia quando a assembleia reconhece que os ritos, palavras, gestos, símbolos, sinais etc. são partes integrantes de sua cultura.

Estudos comprovam que as peregrinações e, em sua versão litúrgica, as procissões fizeram parte do culto em Israel e foram assumidas publicamente pelos primeiros cristãos a partir do IV século, como expressão da liturgia estacional das Igrejas de Jerusalém e Roma. Esta herança de origem Oriental, em nossas terras foi ressignificada pela cultura e integrada na liturgia, apresentando-se de modo diversificado e rico em expressões culturais.

Afirmo que a mobilidade é uma dimensão importante para a liturgia estacional e manifesta o caráter da Igreja peregrina, em marcha para a Jerusalém celeste, sua verdadeira pátria (cf. Hb 13,13-14). Nos santuários brasileiros há procissões internas que fazem parte dos ritos litúrgicos da missa, e, além destas, há muitas outras externas, que movem as multidões de uma igreja para a outra, pelas ruas das cidades, revelando a unidade da Igreja, sua vocação escatológica, o caráter público da fé e a dimensão penitencial.

A variedade de procissões e a intensa participação dos peregrinos nos levam a constatar um importante culto estacional, marcado por uma profusão de deslocamentos processionais. Ressalta-se que as procissões são caracterizadas pela harmonia dos grupos que a compõem, pelos andores decorados com as suas respectivas imagens, pela música e dança, pelo clima de veracidade e dramaticidade. Com efeito, cada peregrinação é uma experiência religiosa única e dinâmica, pois o ponto de chegada converte-se, imediatamente, em ponto de partida. Essa é a lógica própria do peregrinar.

Portanto, a celebração do Mistério Pascal dos santuários brasileiros encontra a sua máxima expressão no sacramento da Eucaristia; ela é o centro e o cume de toda a vida cristã (cf. SC 10). Para o romeiro, a missa é um acontecimento importante da fé e só tem sentido quando recebe o “Corpo de Cristo”. Pois é na liturgia que os fiéis glorificam a Deus e são santificados pela participação na celebração (cf. SC 7). Indubitavelmente, os santuários do Brasil são espaços mistagógicos onde os peregrinos expressam a fé através da liturgia e das devoções populares. As celebrações são inúmeras e diversificadas, com expressiva participação dos fiéis em seu sentido pleno.

Certamente, a participação dos leigos na liturgia dos santuários brasileiros reforça a certeza de uma Igreja toda ministerial que foi renovada pelo Concílio Vaticano II. Por conseguinte, há uma diversidade de ministérios, nos quais, crianças, jovens e adultos exercem o seu sacerdócio real na liturgia. Podemos constatar na prática litúrgica dos santuários que os ministérios são reconhecidos, valorizados, bem preparados e dignamente revestidos.

É pertinente ressaltar que as liturgias dos santuários do Brasil levam em conta a totalidade da pessoa, sua razão, coração e corpo, integrada à cultura do povo, expressando sua maneira de ser. Igualmente, encontramos sentimentos de afeto e emoção, tanto na acolhida dos fiéis no início da missa quanto durante a liturgia da palavra e sacramental. Desse modo, as celebrações são bem festivas, a multidão ocorre fervorosa, os cantos são envolventes, os símbolos são abundantes, a participação é

unânime, o corpo vibra com as músicas e as danças, a beleza do espaço é motivo de admiração etc. Por certo, a liturgia popular não é um culto para os incultos; antes, ela é popular porque fala a linguagem de todas as camadas sociais. Todos podem celebrar e se reconhecer nessa manifestação religiosa de fé.

A pesquisa nos possibilitou concluir que os sacramentos celebrados nos santuários brasileiros são bem vivenciados. Destacam-se a eucaristia, o batismo, a reconciliação e o matrimônio, sendo que os outros sacramentos, unção dos enfermos, ordem e crisma, não possuem muita expressividade.

Finalmente, identificamos em nossos santuários grandes esforços para que a dimensão litúrgica seja vivida de modo natural e intensa. Diariamente os santuários oferecem diversas missas pela manhã, tarde e noite. Sendo que algumas são tipicamente inculturadas: em honra do Divino Espírito Santo; afro-brasileira; congadas; moçambiques; carreiros; vaqueiros; sertanejos; reisados etc. São celebrações que revelam a alma do povo brasileiro das mais diversas regiões do Brasil.

Corroboramos que as celebrações eucarísticas caracterizam-se por mobilizar grandes massas afetuosas, espontâneas, alegres, criativas, vibrantes, envolventes, com danças, aplausos e “vivas”, com cantos e músicas em ritmos brasileiros, ricas em símbolos e sinais.

Por certo, os rituais do batismo e do matrimônio, adaptados à índole do povo brasileiro, são propostas da Igreja do Brasil em vista de uma liturgia inculturada, caracterizada por uma eucologia própria e abundância de expressões simbólicas. Portanto, temos em mãos um tesouro precioso, fruto da caminhada litúrgica.

O culto em Espírito e Verdade, anunciado por Cristo à samaritana (cf. Jo 4,23) e próprio aos cristãos, não está preso a questões de espaço, mas o transcende. No entanto, na perspectiva litúrgica, o Mistério Pascal revolucionou a concepção de espaço para o cristianismo, que se distingue totalmente das outras religiões. Pois a comunidade necessita de um espaço concreto para fazer memória de Cristo morto e ressuscitado.

Evidencia-se que toda peregrinação sugere um “espaço peregrino”, distinto do cotidiano, requerendo, assim, um recinto apropriado. Essa lógica religiosa é demonstrada nos templos pagãos e nas igrejas-santuário. Portanto, o conjunto arquitetônico dos santuários deve ser distinto e projetado para acolher em seu interior e exterior as mais variadas celebrações, procissões e ritos subjacentes às peregrinações. A composição apropriada do espaço leva os fiéis a uma participação por inteiro na liturgia, comprovando,

enfim, que o caminho físico é reflexo do caminho espiritual ou interior, pois existe uma conexão invisível e íntima entre os dois.

Com efeito, o espaço arquitetônico e iconográfico dos santuários de Aparecida e Divino Pai Eterno foi construído em forma de cruz grega. Verdadeiros monumentos da fé, expressam as maravilhas da arquitetura e da arte brasileira, que transmitem com sinais próprios, simples e belos os mistérios da salvação. A arte mistagógica revela a beleza de Deus, porquanto, através das imagens, ícones e pinturas, os fiéis podem adentrar no Mistério por meio da oração contemplativa. Não obstante as influências da iconografia oriental, reconhecemos que ainda, em nossa tradição católica latina, a composição iconográfica não atingiu um patamar análogo ao Oriente cristão.

Além dos espaços cotidianos para a celebração dos sacramentos, outros se destacam e se tornaram referenciais para os santuários do Brasil, tais como: deambulatório, velário, sala das promessas, via-sacra externa, cruzeiro, capelas e grutas de Nossa Senhora ou dos santos, entre outros.

Nos santuários do Brasil, o espaço físico é organizado para acolher as massas de peregrinos e viabilizar as celebrações litúrgicas. Este lugar é a casa da Igreja, imagem visível do Corpo de Cristo reunido em assembleia (cf. 1Cor 12,12-27). Assim sendo, o edifício de culto cristão possui essas duas dimensões, uma funcional e outra simbólica, respectivamente.

Portanto, no universo das religiões, os santuários são concebidos como “umbigos do mundo” ou *Axis mundi*, local de encontro entre o céu e a terra. Podemos afirmar que hoje eles são verdadeiros *locus theologicus*, lugar de encontro pessoal com Deus que se revela por meio de seu Filho, o Verbo Encarnado.

Os sacramentais presentes em nossos santuários são diversos, entre os quais destacamos a celebração das bênçãos e da liturgia das horas. Recordamos que as bênçãos fazem parte do universo das devoções populares e são, nos santuários, contempladas em diversos momentos. Reiteramos que os objetos abençoados, mais do que uma simples lembrança, são verdadeiras relíquias do padroeiro e recordação da conversão vivida por ocasião da visita ao santuário. Sendo assim, osromeiros levam para as suas casas os objetos abençoados, que possuem um valor inestimável, e com eles adornam seus oratórios domésticos, bem como carregam consigo, junto ao corpo: medalhas, rosários, crucifixos, “fitinhas”, entre outros.

Os santuários do Brasil oferecem aos peregrinos a oportunidade de celebrar a liturgia das horas. Após séculos de engessamento litúrgico, temos uma nova

oportunidade, a partir do Concílio Vaticano II, de exercício do sacerdócio comum dos fiéis, em vista de uma participação ativa e frutuosa na liturgia. Nos momentos de oração, a estrutura, os cânticos, a gestualidade e a simbologia favorecem a participação de todos. Desse modo, o santuário atende à reforma litúrgica, que devolveu aos leigos a liturgia das horas como santificação do tempo em união aos mistérios de Cristo (cf. SC 87).

Ressaltamos que o Ofício Divino das Comunidades (ODC), enquanto proposta brasileira inculturada para a liturgia das horas, corrobora uma renovação da fé, da liturgia, da eclesiologia e da espiritualidade dos cristãos, pois sua ritualidade favorece a dimensão holística da oração em perfeita sintonia com a antiga tradição do Oriente cristão. Embora esteja presente em nossos santuários ainda de modo tímido, esta liturgia poderia ser mais valorizada e integrada à eucaristia, à celebração das bênçãos e ao envio dos peregrinos.

Enquanto liturgista, reitero que os santuários devem ser lugares privilegiados para celebração da liturgia das horas, pois o canto dos salmos, tão apropriado para estes locais, atualizam o Mistério, de ontem e de hoje, na vida dos peregrinos que caminham para a Jerusalém celeste (cf. Hb 12,22).

O Concílio Vaticano II abriu as janelas para a piedade popular, estabelecendo um diálogo com a liturgia (cf. SC 13). Seguindo o exemplo, a Igreja na América Latina abriu as portas para a piedade popular outorgando a carta de cidadania. Se, por um lado, a IV instrução para a correta aplicação da Constituição litúrgica, a Liturgia Romana e a Inculturação (1994), promulgada pela Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, apresenta algumas restrições quanto ao processo de inculturação, porém o mesmo Dicastério, ao publicar o Diretório Sobre Piedade Popular e Liturgia (2002), reconhece como legítima inculturação as práticas de piedade popular, bem como incentiva e promove o diálogo entre liturgia e piedade popular em vista da inculturação litúrgica.

As devoções populares são manifestações de fé inculturadas no contexto brasileiro e presentes em grande número nos santuários. Entre as quais estão: adoração ao Santíssimo Sacramento, devoções marianas, via-sacra, novenas, setenários, relíquias, terno de reis, congadas, moçambiques, “Senhor dos passos”, “procissão do Encontro”, veneração das imagens, Sagrado Coração de Jesus, rosário, ângelus etc.

Outrossim, a novidade proposta pelo Concílio Vaticano II propõe “voltar as fontes” bíblicas e patrísticas, e acrescentamos a Tradição Oriental. Se a ocidentalização da liturgia, por um lado, apresentou ganhos, pois conduziu à sua inculturação, por outro representou perdas, ao se afastar de suas raízes orientais. Podemos perceber, para a

liturgia, algumas consequências deste afastamento: forte racionalização, escassez de símbolos, perdas na sua dimensão holística e prejuízos na dimensão pneumatológica.

O desenvolvimento desta tese aconteceu porque, ouvindo os apelos do Vaticano II, reconhecemos a relevância da teologia oriental e de toda a sua tradição litúrgica, que possibilitou a aproximação das duas grandes tradições cristãs católicas, Oriente e Ocidente. Acreditamos, portanto, que esta investigação irá contribuir para a ciência litúrgica, na perspectiva de superar a ignorância acerca do Oriente cristão, favorecer um maior diálogo e enriquecimento mútuo, respeitar as diferenças e estabelecer uma pastoral de conjunto.

Não temos a pretensão de ter esgotado um assunto tão amplo e complexo, porquanto apontamos alguns limites que necessitariam ser aprofundados: superstição, sincretismo, nova era, relíquias, arte e beleza, liturgia de massas, liturgia das horas, música litúrgica, formação litúrgica, ecumenismo e o diálogo religioso, dimensão ética e moral do culto, meios de comunicação social etc.

Em suma, a partir deste doutorado podemos afirmar que a liturgia dos santuários de Aparecida, Bom Jesus da Lapa e Divino Pai Eterno se aproximam do Oriente na concepção holística, no prazer em celebrar, na beleza ritual, na complexidade dos ritos e na mística da oração litúrgica como caminho e fonte de espiritualidade cristã. Constata-se, ainda, que há um longo caminho a ser percorrido no cotidiano de nossos santuários, para que tenhamos uma compreensão teológico-litúrgica mais completa sobre o mistério pascal.

Por essa razão, conscientes dos limites desta pesquisa, apresentamos a nossa contribuição para a ciência litúrgica, sobretudo para os que acreditam e vivem a liturgia como uma realidade histórico-salvífica. Confiamos na ação do Espírito Santo, que sempre guiou a Igreja e que saberá o momento certo para que finalmente tenhamos no Brasil uma verdadeira liturgia inculturada, na qual possamos nos reconhecer e afirmar nossa identidade.